



XICA(S) SILENCIADA(S)? : O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO SOBRE O CORPO TRANS NA MÍDIA

John Kevin Lopes de Araújo da Silva¹

Jhucyane Pires Rodrigues²

A Análise Materialista do Discurso, situada num entremeio entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, tem se proposto a, diante de cada um destes campos, repensá-los em sua falta, isto é, na consideração da impossibilidade de se atingir o *real da língua* (Pêcheux, 1990), o *real da história* e o *real do inconsciente* (Pêcheux, [1980] 2016). Entretanto, compreendemos que o gesto analítico nos direciona a desnaturalizar as tidas evidências do sentido e nesse processo, é possível tocar (em incompletude) o real.

Nesta pesquisa, buscamos pensar o corpo enquanto materialidade discursiva constituído pela linguagem (Leandro Ferreira, 2013), pela história e pela ideologia, como também afetado pelo inconsciente. O corpo marca o sujeito concretamente no mundo (Hashiguti, 2008) e suas subjetividades (Leandro Ferreira, 2013). Desse modo, diante do *corpus*, refletimos sobre a regulação dos corpos travestis e transgêneros pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (Althusser, 1987), e aqui especificamente, pelo AIE midiático.

O *corpus* de análise é composto de duas materialidades discursivas midiáticas, compreendendo que não há uma mídia única, mas diversas, as quais atuam “como uma força que tem poder de interferir em questões políticas, econômicas e sociais” (Ramires, 2017, p. 56). As nomearemos de digital e tradicional. Diante desse primeiro recorte (dos enunciados na mídia), pensamos o *corpo* e em sua circulação/não-circulação nesse meio virtual, num processo que retoma as condições de produção e um estudo da historicidade.

Iniciemos pelas materialidades linguísticas, em que as dividiremos em recorte discursivo 1 (da mídia digital) e recorte discursivo 2 (da mídia tradicional). Ambos os recortes foram acessados via audiovisual e abordam o discurso da deputada federal Erika Hilton (Psol-SP), mulher trans negra, caracterizada de Xica Manicongo, primeira mulher trans não-indígena do Brasil³, na ocasião, homenageada da escola de Samba Paraíso do Tuiuti no carnaval de 2025.

¹ Bolsista CAPES. Graduado em Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, atualmente é mestrando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas - PPGLL/UFAL e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso - GEPAD/UPE e do Grupo de Pesquisa Discurso, Sentidos e Sociedade DISENSO/UFAL. Email: Johnkevin.lettras@gmail.com.

² Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns, atualmente é mestranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas - PPGLL/UFAL e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso - GEPAD/UPE e do Grupo de Estudos e Pesquisa Discurso e Ontologia - GEDON/UFAL. Email: jhucyanep.rodrigues@gmail.com.

³ Os povos indígenas, como expõe Trevisan (2018), não possuíam, antes da colonização, uma delimitação de gêneros e de sexualidades, sendo está uma imposição europeia.



Os dizeres foram proferidos no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro (RJ) minutos antes da entrada da escola na avenida. A diferença do RD1 para o RD2, consiste no fato de que, no primeiro recorte, a parlamentar - com o microfone na mão sob o carro alegórico - é gravada discursando sobre o enredo da escola de samba “Quem tem medo de travesti?”. Enquanto, no segundo, a transmissão ao vivo da rede Globo, transfere a atenção do discurso da deputada para as características do carro alegórico: é de plástico, e enfatiza: isso é o carnaval.

Surge aqui a questão de pesquisa. Diante do estranhamento pela possibilidade/impossibilidade de circulação/não-circulação dos dizeres e do corpo trans da deputada, nos questionamos: Como comparece o corpo trans na mídia (pelo discurso) em sua regulação pelo AIE midiático?

Segue abaixo o primeiro recorte, retirado do perfil do Instagram da Paraíso da Tuiuti (@paraisodotuiutioficial) em colaboração com o perfil do Carnaval do Rio de Janeiro (@riocarnaval) e da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (@antra.oficial).

Recorte discursivo 1 - Fala da Erika Hilton

Alô, alô, Sapucaí! Alô, alô, Tuiuti! É o enredo “Quem tem medo de travesti?” O primeiro país do mundo que ainda matam mulheres como Xica Manicongo terá que olhar a sua história sendo recontada. Jogaram o corpo de Xica na fogueira na tentativa de calar os corpos trans, a diversidade e a comunidade LGBT. Mais três de Xica Manicongo. Nós estamos dizendo sociedade racista, transfóbica, LGBTfóbica. Nós ainda estamos aqui! Nós ainda estamos aqui e nós seguiremos aqui. Vamos entrar com a força da nossa ancestralidade, com a garra de Xica Manicongo. Vamos trazer o reconhecimento a esse samba, a essa escola e a essa heroína do Brasil. Viva a Tuiuti, viva os brasileiros, viva as travestis, os homens trans, as transexuais. Viva nós que construímos a democracia desse país todos os dias.

Já o segundo recorte, provém da transmissão ao vivo da emissora Rede Globo. Embora o registro não se encontre disponível nos canais de comunicação da emissora, pode ser acessado pelo YouTube no perfil @RubinhoNunesSP, vereador de São Paulo (SP), politicamente filiado à extrema-direita que comemorou a interrupção da fala de Erika.

Recorte discursivo 2 - Transmissão da TV Globo

Repórter: Agora a gente tá ouvindo [ao fundo] uma das integrantes da comissão de frente e já, já vai conversar... a deputada...

Erika Hilton: ...Mulheres como Xica Manicongo terá que olhar a sua história sendo recontada...

Repórter: (Erika em tela) Bom... todos os detalhes aqui você viu. Adiantamos... adiantamos todos os detalhes da comissão, do tripé, olhá só... (foco no carro alegórico) imita uma pedra mas não é, “tô” falando de fibra e isopor, “tô” falando de folhas que não são folhas, mas carnaval é isso, né. Carnaval é uma magia e você de casa fique sabendo que esse carro é bem levinho, tá? É de fibra e... (voz da Erika sempre ao fundo).



Partimos em nossa análise da afirmação de Pêcheux (2014) de que nos encontramos em uma guerra ideológica que é travada em todas esferas sociais pela língua, dentre elas, os meios de comunicação. Orlandi (2007, p. 21) expõe que a “materialidade linguística é o lugar da manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos”. Desse modo, os dizeres não dominantes, embatem-se nos dizeres dominantes, naturalizados pela repetibilidade e que determinam o correto, justo, natural e qualificável a existir.

Esse embate é travado também nos Aparelhos Ideológicos de Estado (Althusser, 1987) na compreensão de que estão a serviço da manutenção das relações de produção e desse modo, a mídia, enquanto AIE, se coloca em favor do sistema capitalista. Há, entretanto, expõe Pêcheux (2009) a possibilidade de transformação dessas relações, perceptível nesta análise, na mídia digital.

A mídia digital se coloca como espaço de resistência em contraposição à mídia tradicional que reproduz os dizeres dominantes e desse modo, busca silenciar discursos de sujeitos dissidentes. A partir dessa conjuntura, compreendemos que “os sentidos não param de significar, apenas mudam o seu trajeto” (Orlandi, 2007, p. 13), haja vista que a sua “circulação não se faz sem o espaço para o sentido outro, para o equívoco, para a resistência” (Dela-Silva; Carneiro, 2023, p. 14). Assim, o outro impossível na mídia tradicional, resiste e comparece significando na mídia digital.

Nesse sentido, é preciso considerar que a televisão aberta ocupa um papel dominante, de poder, na vida dos brasileiros, mobilizando essas relações de força, de sentido e de antecipação. Segundo Lima (2006), esse poderio advém da cristalização de sentidos (a longo prazo) que ela produz, uma vez que abarca os mais diversos aspectos da vida cotidiana: “etnias (branco/negro, dos gêneros (masculino/feminino), das gerações (novo/velho), da estética (feio/bonito) etc.” (Lima, 2006, p. 87).

Diante desse prisma, percebemos duas famílias parafrásticas, em que em uma há sentidos de naturalização do extermínio e de apagamento de corpos trans, pelo silêncio local, e na segunda pensamos em sentidos outros, de resistência à censura, para estes mesmos corpos. Os sentidos, assim, se dão na relação entre os interlocutores (Orlandi, 1994) e ainda “ao mudar de formação discursiva, as palavras mudam de sentido” (Orlandi, 2007, p. 76).

Quadro 1 – Famílias parafrásticas

Família Parafrástica 1	Família Parafrástica 2
medo	diversidade
matam	força
calar	ancestralidade
racista	garra
transfóbica	reconhecimento
LGBTfóbica	heroína

Fonte: Autores



Num gesto de retomar a historicidade, olhemos para Xica Manicongo, compreendendo que houve em curso a política do silêncio que “se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejados, em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2007, p. 73). Desse modo, impõem o *medo* e condenam Xica à morte, ao qual ela escapa ao que “se comenta [...] [ela] abriu mão de se vestir como lhe convinha e adotou o estilo de vestimenta tradicional para os homens da época” (Jesus, 2019, p. 253).

Era necessário *calar* os sentidos de *força* e *garra*, isto é, de resistência a imposição heterocisnormativa⁴ colonial, pois era necessário não haver uma *transcestral/ancestral* e nem *diversidade*, que não houvesse um hoje com Erika Hilton, era necessário “um pôr em silêncio” (Orlandi, 2007, p. 12). Tal movimento daquela (e dessa) sociedade *racista, transfóbica e LGBTfóbica* busca apagá-la da história ao chamá-la de Francisco mas... falha, Xica *heroína*.

A tv aberta, num gesto do silêncio local, compreendido com Orlandi (2007, p. 24) como a “censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)”, busca impossibilitar os dizeres da deputada Erika Hilton de significar os sentidos outros (não homogêneos da mídia tradicional), processo que falha.

O corpo de Xica pela condenação à morte, pela imposição de vestes tidas como masculinas e pelo apagamento histórico de sua transgeneridade, sendo lida em muitos documentos como homem homossexual, e o corpo e os dizeres de Erika Hilton pela mídia tradicional são censurados, são interditados, são (em falha) impossibilitados de significar, não por uma consciência individual do sujeito, mas como “um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação” (Orlandi, 2007, p. 76) para a ausência de sentidos não dominantes de outras formações discursivas. Assim, a proibição se dá no funcionamento da ideologia e, aqui, especificamente pelo AIE midiático que regula/reproduz (mas também transforma em oposição) à ideologia dominante.

Tomando os dizeres de Erika Hilton, e pensando nas condições de produção, estes são postos a significar em um período carnavalesco, tipicamente atribuído à festa e à diversão. Portanto, nessa sociedade neoliberal, não é rentável falar durante um evento festivo sobre a morte de pessoas trans no país que mais mata pessoas trans e travestis, como enuncia a repórter: “mas carnaval é isso, né. Carnaval é uma magia”.

Desse modo, Erika Hilton está em uma posição-sujeito de contra-identificação à formação discursiva transfóbica-carnavalesca, pelo movimento de resistência em um corpo-político (Massmann, 2018), isto é, um corpo que desestabiliza os dizeres dominantes. Esse corpo político é transmitido, nessas condições de produção, pela mídia digital. Enquanto, pela mídia tradicional, a tv aberta, há a presença do silêncio local, que busca inviabilizar a presença de sentidos de orgulho, hoje com o discurso e corpo de Erika Hilton, mas sendo um processo que não acontece apenas com os Aparelhos Ideológicos de Estado, mas com todas as relações

⁴ Compreendemos com Butler (2018) que há um padrão normativo a ser replicado socialmente, sendo ele heterossexual e cisgênero.



de sentidos de sujeitos na história, como com Xica Manicongo. Por fim, mas sem fim, Xica resiste e significa (também) a possibilidade de pensarmos uma sociedade de um modo outro, não excludente.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.
- DELA-SILVA, S.; CARNEIRO, C. F. Dos discursos da/na mídia: um percurso com Michel Pêcheux. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 23, p. 1-16, 2023.
- HERBERT, Thomas [PÊCHEUX, Michel]. Observações para uma teoria geral das ideologias. Trad. Carolina M. R. Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. **Rua**, Campinas, n. 1, p. 63-89, 1995. [Tradução de: *Pour une théorie générale des idéologies*, 1968].
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Redoc**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 250-260, jan./abr. 2019. Disponível em: 10.12957/redoc.2019.41817.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.
- LIMA, V. A. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MASSMANN, Débora. O político na/da arte: Instituições, discursos, resistências. In: ORLANDI, Eni Puccinelli; MASSMANN, Débora; DOMINGUES, Andrea Silva (org.). **Linguagem, instituições e práticas sociais**. Pouso Alegre: EdUnivás, 2018. Disponível em: <https://www.cienciasdalinguagem.net/colecao-linguagem-e-sociedade>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- NUNES, R. "Nem a globo aguentou ouvir a Érika Hilton e cortou o discurso dela! **Youtube**, 5 mar. 2025. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/DWFYfNImQUQ?si=DaFdA1gX2ujh14AF>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Texto e discurso. **Revista HeterocLitArs**, Campinas, n. 23, p. 111-118, 1994.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2007.
- PARAÍSO DO TUIUTI OFICIAL. (@paraisodotuiutioficial). "É ela! O impacto de Erika Hilton. **Instagram**, 22 fev. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DGzV8eqNMGa/?igsh=MTA4Zjc5dGloZXh0Mg==>. Acesso em: 0 jun. 2025.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2. ed. Tradução de Eni P.Orlandi. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969].
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux Textos selecionados**: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Abertura do Colóquio. In: CONEIN, Bernard et al. (org.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da UNICAMP, [1980] 2016.
- RAMIRES, L. **"Eles conseguiram": os sentidos de "sucesso" no jornalismo de televisão**. Maceió: Edufal, 2017.